PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.18.2, 2011, pp. 179-183
(publicada em abril de 2012)

De olhos bem abertos
"apresentação das entrevistas"

Paulo Menezes*

Pode-se dizer que as relações entre cinema e sociedade praticamente datam do início da história do cinema. Depois de um momento inicial, no qual os irmãos Lumière imaginaram que sua invenção em pouco tempo seria esquecida, como mais uma curiosidade científica da virada do século 19 para o 20, com a invenção do que se convencionou chamar depois de narrativa, estabeleceu-se rapidamente a separação do que se denominava cinematógrafo para o que, a partir de então, se concebe como cinema propriamente dito, marcando a clivagem fundamental que acompanhou o cinema em toda a sua história: "ficção" e "documentário". Se, por um lado, George Méliès traçou os caminhos da invenção por meio da criação dos primeiros efeitos especiais, inúmeros cineastas em formação saíram com suas pesadas câmeras mundo afora para filmar e "documentar" os mais variados fenômenos sociais: da guerra dos Boer, na África do Sul, às cerimônias de coroação do Czar Nicolau II, na Rússia pré-revolucionária (cf. Barnouw, 1993).

Essa separação, que, desde seus primórdios, nunca foi precisamente definida – pois, nos primeiros filmes "documentários", a encenação de algumas cenas não era vista como um problema, como viria a se transformar na década de 1950, quando começou a se consolidar a relação entre cinema e universidade ou, mais precisamente, entre cinema e ciência –, teve seus limites e correlações variando de um lado para o outro, durante toda a história do cinema, pois, como bem disse Godard, no limite, "todos os grandes filmes de ficção tendem ao documentário como todos os grandes documentários tendem à ficção" (*apud* Gauthier, 1995, p. 4).

Isso remete diretamente ao problema enfrentado pela relação entre cinema e sociedade, do ponto de vista das ciências sociais. Se, no caso da antropologia, essa relação data praticamente dos primórdios do cinema – por meio dos etnólogos que buscavam retratar da maneira mais "fiel" possível os povos então chamados de primitivos ou exóticos, por meio de imagens que se pretendiam "objetivas",

* Professor Livre-Docente do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, e atual coordenador do Curso de Pós-Graduação em Sociologia.

explicitando que os filmes "realizados pelos etnólogos de campo dos primeiros decênios se queriam deliberadamente positivistas" (Piault, 2000, p. 108), apresentando os questionamentos mais profundos dessa perspectiva apenas a partir de meados dos anos 1980, por meio dos autores "pós-modernos" da antropologia –, no caso da sociologia esse trajeto é muito mais recente. Pode-se marcar como momento "inaugural" dessa relação a publicação dos livros de Ian Jarvie, *Towards a Sociology of the cinema* (1970), e de Pierre Sorlin, *Sociologia du cinéma* (1977), que, pela primeira vez, apresentaram, de maneira sistematizada, possibilidades investigativas de um novo material analítico primordial: o cinema não mais visto apenas como uma forma auxiliar de pesquisas acadêmicas, mas como algo que, a partir de então, pode se colocar como material investigativo autônomo, no tocante às suas possibilidades epistemológicas e metodológicas.

Nessa direção, o livro de Ian Jarvie partia de uma análise institucional do cinema, vendo a sociologia do cinema primordialmente como uma sociologia da indústria, buscando os motivos de sua instituição e de seus desdobramentos, enquanto o livro de Sorlin via no cinema uma forma de "encenação social", por meio da qual as sociedades expressam concepções ideológicas sobre si mesmas, por meio dos grupos sociais inseridos na produção e percepção dos filmes.

Aqui, nessa acepção, a análise do material fílmico se torna essencial por serem os filmes, em suas percepções, elementos fundamentais de constituição do imaginário por meio dos quais os homens e as sociedades se percebem e criam critérios valorativos para avaliar a si mesmos e aos outros, criando concepções e hierarquias que se expressarão em outras dimensões do social.

Deve-se notar também que, tendo em vista as especificidades que um objeto de investigação e estudo como o cinema possui, em quaisquer de suas formas, essencialmente múltiplo e interdisciplinar, é impossível realizar seus estudos fincados unicamente em uma área disciplinar, seja ela a sociologia, seja a antropologia, sem recorrer, de maneira sistemática, a estudos e autores advindos de outras áreas do conhecimento e que acabam por ser tornar "clássicos" em uma disciplina de formação ainda relativamente recente.

Nessa direção, autores advindos da filosofia, história, psicologia, além daqueles mais diretamente vinculados aos estudos de cinema desde seus primórdios, entre outros, acabam sendo de fundamental importância para os desdobramentos de pesquisas sobre cinema e filmes, na área das ciências sociais, por mais que alguns ainda insistam em tentar mantê-los restritos a autores de apenas uma corrente disciplinar; perspectiva infelizmente muito comum ainda na universidade brasi-

leira, em contraste com a muito maior liberdade de abordagens da universidade europeia, inglesa e francesa em particular.

No caso da academia brasileira, a sociologia do cinema, como disciplina de ensino e pesquisa, surge no ano de 1986, por meio de um curso que se chamava Sociologia da Arte: Pintura e Cinema, oferecido por mim aos alunos de graduação do curso de Ciências Sociais. Esse trajeto também não foi simples, por ser visto com certa desconfiança pelas áreas mais instituídas de ensino e pesquisa nas ciências sociais, que sempre apresentam certa resistência a temas novos e inovadores, em geral, sempre vistos como pertencentes a alguma outra área de conhecimento.

Ao mesmo tempo, ele concretiza um interesse que começou no início dos anos 1960, quando, nos idos de meus sete anos, assisti a um filme no já extinto cine Phenix, na Vila Mariana, que restou como o primeiro filme do qual tenho lembrança, de todos os que assisti em minha infância: *Guerra dos botões*, de Yves Robert, que mostrava a inusitada forma como dois grupos rivais de pequenos estudantes lutavam entre si em busca de supremacia de uns sobre os outros. Era realizada a retirada dos botões das calças curtas e dos suspensórios que as mantinham, fazendo com que o grupo perdedor passasse a vergonha de voltar para casa com as calças caindo pelos joelhos.

Já nas ciências sociais, como professor que era, ao mesmo tempo, aluno de mestrado e, depois, de doutorado, possibilidade hoje em dia praticamente extinta na universidade e, desde a minha experiência na prática, acabada nessa escola, ensinava ao mesmo tempo em que aprendia, pois, como nem pintura nem cinema eram temas dos cursos de graduação e pós à minha época, meu ímpeto investigativo me levou a buscar formação em todas as áreas em que pudesse encontrar conhecimento que me ajudasse a investigar imagens por meio dos objetos que me atraíam na época: a arte moderna e a relação entre cinema e sexualidade nos anos 1970.

Se, antes disso, até idos dos anos 1970, a literatura era fruto de interesse em cursos dessa escola, em seu final, por meio dos cursos do professor Rui Coelho, a imagem, seja ela pintura, fotografia, seja cinema, não fazia parte do currículo específico de nenhuma das áreas que compõem as ciências sociais, nem mesmo da antropologia, que só foi criar um curso de antropologia visual muitos anos depois, em meados da década de 1990.

Esse curso de sociologia da arte foi se transmutando, até se tornar, posteriormente, somente um curso de fotografia e cinema e, para depois, já no ano 2000, transformar-se também no primeiro curso sobre cinema documental na área de ciências sociais nas universidades brasileiras.

A partir de 1998, esses cursos passaram a ser ministrados também em nível de pós-graduação, inaugurando, aqui, de forma institucional, a pesquisa específica nessa área de conhecimento, agora direcionada para pesquisas de mestrado e, consequentemente, de doutoramento, que se consolidou por meio de suas defesas, no decorrer do ano 2000.

Desdobramentos diretos dessa consolidação se expressam atualmente na criação de cursos de graduação e pós-graduação de alunos formados e egressos de nosso curso de pós, os quais, ao transformarem-se em professores de outras universidades, implantam cursos e orientações específicos nessa área de conhecimento, como os realizados por Mauro Rovai, na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), nos últimos cinco anos, reforçando a abrangência e a disseminação dessa área de conhecimento nessa escola institucionalizada.

O dossiê de entrevistas que apresenta a Revista *Plural* neste número visa explorar essa diversidade de perspectivas e formações nas inúmeras possibilidades de se trabalhar a relação entre cinema e sociedade de uma perspectiva multidisciplinar, na área das ciências humanas em geral, e das sociais em particular.

Optou-se por entrevistar pesquisadores de formações variadas e em diferentes níveis de carreira, deixando de lado os pesquisadores mais antigos das áreas, que falam por meio de suas obras já bastante disseminadas.

Por meio das entrevistas de André Parente, Arthur Autran, Marina Soler Jorge, Eduardo Morettin, Rose Satiko e do estadunidense Rendal Johnson, busca-se apresentar essa diversidade de formações e de perspectivas nas várias abordagens de investigação sobre o cinema, a partir de diferentes áreas específicas de conhecimento, como a sociologia, a história, a antropologia, a filosofia e as comunicações ou a área de cinema das escolas de arte propriamente ditas.

Em quase todas as entrevistas, fica explícita a formação interdisciplinar necessária para a investigação de um objeto tão multifacetado como o cinema, em suas mais variadas proposições. Da mesma forma, explicitam-se as diferenças de interpretação que os olhares mais pontuais trazem na avaliação de questões mais diretas e específicas.

Não vou aqui adiantar o que o leitor poderá ler cuidadosamente nas páginas que seguem. Reforço apenas que, independente do foco mais particular de cada área de conhecimento, um ponto de partida teórico mais geral parece alimentar as variadas perspectivas de maneira acentuada, em contraste com outras áreas de investigação tomadas por concepções muito mais restritivas do que se conceberia como sociológico, como se existisse apenas uma sociologia legítima, e não

várias formas diversas de se trabalhar sociologicamente sociologias distintas e não excludentes ou totalizantes.

Por fim, um breve comentário necessita ser realizado sobre a terceira pergunta destas entrevistas. Ao se afirmar que "as relações entre cinema e política no Brasil foram um tema candente no campo cinematográfico brasileiro do século 20", incorre-se em duas ordens distintas de problemas.

Primeiro, como aconteceu com o conceito de classes sociais de Marx, a partir da década de 1970, toma-se o conceito de campo não como uma entidade teórica – que deve balizar a investigação de realidades distintas e, portanto, verificar sua pertinência e caracterização por meio de relações evidenciadas no trabalho de pesquisa –, como uma evidência que não deveria mais ser pensada em suas possibilidades constitutivas de se desdobrar ou não de uma realidade empírica, como uma realidade em si mesma, que deveria ser apenas meramente reconhecida e observada como ponto de partida, e não intermediário ou de chegada do trabalho investigativo. Assim, transforma-se o que seria uma indagação teórica à pesquisa em uma evidência empírica naturalizada.

Segundo, a afirmação de que Cinema e Política foi tema candente no cinema brasileiro do século 20 cria uma generalização do que se concebe como político, o que exigiu dos entrevistados uma multiplicidade de redefinições, pois a própria ideia do que é político sofreu profundas alterações, a partir da segunda metade do século 20 e, com ela, o que de político os filmes não diretamente políticos (definição também complexa) podem expressar, em suas mais variadas acepções.

Independente dessas questões, as entrevistas que seguem abordam, de maneira muito instigante, uma área de conhecimento que tem se disseminado de forma consolidada no pensamento das ciências sociais e humanas, na universidade brasileira e internacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barnouw, Erik. *Documentary*: a history of the non-fiction film. New York: Oxford University Press, 1993.

Gauthier, Guy. *Le documentaire*: un autre cinéma. Paris: Nathan, 1995.

Jarvie, Ian Charles. *Towards a sociology of the cinema*, NewYork: Routledge & Kegan Paul, 1970.

Sorlin, Pierre. *Sociologie du cinéma*. Paris: Aubier-Montaigne, 1977.